

# COMPADRES E COMADRES DE ESCRAVAS NO SERTÃO BAIANO: AS RELAÇÕES DE COMPADRIO NA VILA DE XIQUE-XIQUE ENTRE 1865-1886

*Taiane Dantas Martins*

Mestranda em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: taiuibai@bol.com.br

**Palavras-chave:** Escravidão em Xique-Xique. Compadrio de escravos. Sertão baiano. Estratégias de compadrio.

O compadrio foi uma forma de parentesco ritual bastante valorizada no Brasil do período Colonial e Imperial, entendido pela igreja como um momento de purificação do pecado original, que estabelecia um parentesco entre afilhados e padrinhos. Schwartz afirma que

[...] Seguramente a ‘família’ estendia-se muito além dos limites de qualquer unidade residencial. É sempre muito difícil recapturar tais laços, mas no ato ritual do batismo e no parentesco religiosamente sancionado do compadrio, que acompanha esse sacramento, temos uma oportunidade de ver a definição mais ampla de parentesco no contexto dessa sociedade católica escravocrata e testemunhar as estratégias de escravos e senhores dentro das fronteiras culturais determinadas por esse relacionamento espiritual (SCHWARTZ, 1988, p. 330).

Na Vila de Xique-Xique, município situado no curso Médio do Rio São Francisco e ocupado no início do século XVIII, também houve preocupação em batizar as crianças livres, escravas e ingênuas e na escolha dos padrinhos que, no caso de crianças escravizadas e ingênuas, conforme veremos, seguiu diferentes padrões.

## **Redes de compadrio no Cotovelo e no Olho d’Água**

O Cotovelo é uma comunidade situada na Serra do Assuruá, Vila de Xique-Xique e era lá que morava o português Domingos Carvalho dos Santos, do qual vamos conhecer um pouco mais os escravos, pois trataremos aqui das formas de compadrio estabelecidas por eles a partir de duas escravizadas: Bertholina, parda, com 25 anos em 1871 e Bibiana, cabra.

Bertholina, também descrita como mulata e achacosa, ou seja, doente, era escrava de Eufrásia Maria da Conceição e Domingos Carvalho dos Santos, casados há mais de 50 anos em 1872 quando Eufrásia faleceu. Domingos tinha então cerca de 72 anos e era proprietário. Neste ano Bertholina vivia com outros 15 escravizados, número grande para os padrões locais. Seus proprietários tinham no Cotovelo 80 cabeças de gado vacum, 20 cabeças de ovelhas, 23 animais, entre cavalos, éguas, burros, jumentos e poldros, instrumentos agrícolas e terras em seis sítios e fazendas. Além de uma “morada de casas” no Cutuvello onde existia uma oficina de farinha e um curral.<sup>1</sup>

Bertholina, escrava mestiça descrita ora como parda ora como mulata, devia ser bem clara ou ter se relacionado com um homem branco, pois suas duas filhas, Maria, nascida em 1872 e Anna em 1876, eram pardas. A primeira era afilhada de Antonio Pereira Cardoso e Theodora Maria da Conceição e a segunda de Irineo da Cunha e Silva e Brisida Maria do Espírito Santo, todos pessoas livres.<sup>2</sup> Mas Bertholina também tinha compadres escravizados, o que aponta uma relação verticalizada entre cativos baseada na cor. Vamos a eles.

Maximiana, escrava de Floris da Cunha, deu à luz a Nicolau, crioulo, em 1873, que foi batizado por Bertholina Carvalho dos Santos e Francisco Lourenço Teixeira. Acreditamos que se tratasse da escrava, pois o sobrenome foi o de seu senhor e Bertholina aparece três anos depois batizando um outro filho de Maximiana chamado Pedro, o qual era crioulo, o que comprova que estas mantinham uma relação de intimidade. Talvez se registrou Bertholina com sobrenome sem declarar sua real condição por ela já ter algum acordo de liberdade, ou ser aparentemente tratada como tal, ou mesmo por erro do sacristão. O padrinho de Pedro foi Bernardo, escravizado do mesmo senhor da mãe.<sup>3</sup>

Bertholina foi madrinha também de João, pardo, filho de Raymunda, escrava de Antonio Carvalho dos Santos, filho de Domingos, sendo que o padrinho foi Isidoro, cativo de Maria Rosa da Conceição.<sup>4</sup>

Falamos acima de relações verticalizadas baseadas na cor, pois pudemos perceber através de certos indícios que a cor dos escravizados foi importante para definir o nível de acesso destes a certos benefícios da sociedade de Xique-Xique, sendo que eles, muitas vezes, procuraram pessoas mais remediadas que pudessem dar proteção a seus filhos para serem seus padrinhos e como Bertholina teve padrinhos para seus filhos livres e provavelmente “brancos”, se considerarmos seus sobrenomes, foi madrinha de cativos de outras

---

<sup>1</sup> APEB, SJ, IT, nº 04/1444/1913/16, Inventário de Eufrásia Maria da Conceição, Xique-Xique, 1871.

<sup>2</sup> PSBXX, ASP, Livro de Registro de Batismos, 1872-1886.

<sup>3</sup> Id.

<sup>4</sup> Id.

propriedades, crianças com mães de pele presumivelmente mais escura que a sua se considerarmos a classificação dada, provavelmente Bertholina se identificasse mais com os brancos que com seus companheiros de cativo, ou se utilizasse desses contatos com os brancos como estratégia de melhoria de suas condições de sobrevivência.

Vamos conhecer agora Bibiana, de cor preta, que tinha 20 anos em 1872 e pertencia a Manoel de Souza Rego, segundo marido de Maria Pereira da Conceição, viúva do português. Entre 1872 e 1874, Bibiana vivia no Cotovelo, mas ao que parece seus proprietários se mudaram para o Olho d'Água, também no Assuruá.<sup>5</sup>

Em 1873, ela vivia com mais sete companheiros sendo quatro adultos e três crianças; duas delas eram filhas de sua companheira Benedicta, preta de 35 e uma de Bertholina, a qual citamos acima. Sua primeira filha se chamava Leandra, descrita como ingênua de oito anos em 1883 quando faleceu seu senhor. Depois nasceria Raymundo, Joana, Maria e Tertuliano.<sup>6</sup>

Seu proprietário tinha instrumentos agrícolas, 16 animais cavалares, 36 cabeças de gado vacum, 15 cabeças de ovelhas e 15 de cabras, uma casa na fazenda Olho d'Água, outra contendo uma oficina de fazer farinha em local não mencionado, duas casas no Gentio do Ouro, uma parte de terras na Fazenda Olho d'Água, outra na Fazenda Baixa Grande, uma roça no Gentio do Ouro contendo “cafeseiros, bananeiras, limeira, canas e mais fruteiras, com uma pequena minação de água”, uma roça de mandioca com um ano e meio e outra com um ano.<sup>7</sup>

Encontramos o batismo de quatro dos filhos de Bibiana e vamos conhecê-los melhor: dia 19 de fevereiro de 1872, nasceu Leandra, crioula, que foi batizada no Cutuvello dia 30 de outubro do mesmo ano por Ângelo e Maria, escravos de Floris da Cunha e Silva. Em agosto do ano seguinte, nasceria Romana, cabra, que foi batizada no mês seguinte também no Cutuvello por Manoel Carvalho dos Santos, irmão de sua proprietária<sup>8</sup> e Cândida Maria do Espírito Santo.<sup>9</sup>

Em outubro de 1874, nasceu Maria, cabra, batizada em fevereiro de 1875 no Cutuvello por Francisco Cardoso da Cunha e Brisida Maria do Espírito Santo, esta comadre de Bertholina. No dia primeiro de março de 1878, Bibiana deu à luz Raymunda, cabra, batizada na Gameleira por Lourenço Ribeiro Simões e Joaquina Gomes da Cunha.<sup>10</sup>

Observamos que Bibiana utilizou diferentes estratégias na escolha dos padrinhos de seus filhos, indo desde o irmão da senhora, passando por outras pessoas conhecidas e

---

<sup>5</sup> APEB, SJ, IT, n° 07/3169/05, Inventário e testamento de Manoel de Souza Rego, Xique-Xique, 1883.

<sup>6</sup> Id.

<sup>7</sup> Id.

<sup>8</sup> APEB, SJ, IT, n° 04/1444/1913/16, Inventário de Eufrásia Maria da Conceição, Xique-Xique, 1871.

<sup>9</sup> PSBXX, ASP, Livro de Registro de Batismos, 1872-1886.

<sup>10</sup> Id.

proprietárias até os escravos de um outro senhor, que se chamava Floriz da Cunha. Essas escolhas refletem tanto as relações de Bibiana com pessoas de diferentes posses, como a possibilidade de seus filhos serem ajudados por escravizados ou livres quando precisassem. Vamos conhecer o estado jurídico dos padrinhos de filhos de escravizadas encontrados em Xique-Xique:

**Tabela 1** - Estado jurídico de padrinhos e madrinhas de filhos de escravas em Xique-Xique entre 1865-1867 e 1871-1886 em números absolutos e relativos

<b>Período</b>	<b>1865-1867</b>	<b>%</b>	<b>1871-1878</b>	<b>%</b>	<b>1879-1886</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Padrinho livre	30	73	175	89	33	91,5	238	86
Padrinho liberto	1	2,5	0	0	1	3	2	1
Padrinho escravo	10	24,5	21	11	2	5,5	33	13
<b>Total</b>	<b>41</b>	<b>100</b>	<b>196</b>	<b>100</b>	<b>36</b>	<b>100</b>	<b>273</b>	<b>100</b>
Madrinha livre	28	68	169	86,5	30	83,5	227	82,5
Madrinha liberta	0	0	2	1	1	2,5	3	1,5
Madrinha escrava	10	24,5	20	10	3	8,5	33	12
Sem madrinha, com 1 padrinho	2	5	2	1	2	5,5	6	2,5
2 padrinhos	1	2,5	3	1,5	0	0	4	1,5
<b>Total</b>	<b>41</b>	<b>100</b>	<b>196</b>	<b>100</b>	<b>36</b>	<b>100</b>	<b>276</b>	<b>100</b>

*Fonte:* Paróquia de Senhor do Bonfim de Xique-Xique - PSBXX. Arquivo da Secretaria Paroquial - ASP. Livro de Registro de Batismos 1865-1877. Livro de Registro de Batismos de Filhos de Escravas, 1871-1886.

Schwartz (1988, p. 332-334) analisou batismos na Bahia Colonial, onde encontrou 70% de padrinhos livres, 10% de libertos e 20% de escravos entre as crianças batizadas. Podemos perceber aqui também uma predominância de padrinhos livres para todos os períodos, algo que se ampliou à medida que se aproximava a abolição da escravidão. Os escravos foram progressivamente preferindo os livres para apadrinharem seus filhos que, a partir de 1871 já não eram mais considerados escravos, sendo que o percentual de padrinho escravizado caiu de 24,5 para apenas 5,5 em pouco mais de uma década. Os demais números permaneceram relativamente estáveis durante o período.

Mas em casos de escolherem padrinhos escravizados, onde eles viviam, na mesma propriedade da mãe ou em outra? Vejamos.

**Tabela 2** - Propriedade de padrinhos e madrinhas escravizados em Xique-Xique entre 1865-1867 e 1871-1886

<b>Período</b>	<b>1865-1867</b>	<b>%</b>	<b>1871-1878</b>	<b>%</b>	<b>1879-1886</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Padrinho do mesmo senhor	1	10	5	21	1	50	7	28
Padrinho de outro senhor	9	90	18	79	1	50	18	72
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100</b>	<b>23</b>	<b>100</b>	<b>2</b>	<b>100</b>	<b>25</b>	<b>100</b>
Madrinha do mesmo senhor	1	11	2	9,5	1	33,5	4	12
Madrinha de outro senhor	8	89	19	90,5	2	66,5	29	88
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>100</b>	<b>21</b>	<b>100</b>	<b>3</b>	<b>100</b>	<b>33</b>	<b>100</b>

*Fonte:* Paróquia de Senhor do Bonfim de Xique-Xique (PSBXX). Arquivo da Secretaria Paroquial (ASP). Livro de Registro de Batismos 1865-1877. Livro de Registro de Batismos de Filhos de Escravas, 1871-1886.

Estudando o compadrio na Bahia Colonial, Schwartz (1988) afirmou que registros “[...] paroquiais revelam que, entre os cativos que serviram de padrinho, o número dos que pertenciam a outro senhor que não o da pessoa batizada era aproximadamente igual ao de pertencentes ao mesmo senhor” (SCHWARTZ, 1988, p. 334). Vasconcelos faz uma observação importante para compreendermos esse fenômeno em Xique-Xique:

[...] parece-nos que, em anos que as escravarias estavam diminuindo, as famílias respondiam com o alargamento de laços de compadrio com cativos de fora de suas propriedades de origem, o que, além de agregar escravos às famílias, também ampliava o raio de ação para outras propriedades. Ou seja, as mudanças econômicas e sociais foram acompanhadas por uma mudança comportamental não somente com a tendência a cativos serem padrinhos, cativos que não eram do mesmo senhor. Cremos que essa mudança estaria ligada, tal como dissemos, ao quadro de diminuição da propriedade escravista e, talvez, também, à maior mobilidade dos escravos na freguesia, facilitando o conhecimento e as amizades entre indivíduos separados pelos ‘muros’ das propriedades (VASCONCELOS, 2002, p. 167).

Era justamente esse o contexto de Xique-Xique, onde é perceptível na Tabela 2, clara predominância de padrinhos e madrinhas de outras propriedades, resultante certamente do tamanho das estruturas de posse de escravos, sendo que mesmo quando o senhor tinha mais cativos, esses eram divididos em diversas fazendas e mesmo em casos de estruturas com oito ou mais pessoas, o número de crianças não permitia que houvesse muitos homens e mulheres adultos para se relacionarem, dificultando as relações de compadrio interposse. Outro fato local que ajudava nesses números era a intensa relação estabelecida entre escravos de diferentes propriedades o que possibilitava que eles tivessem intimidade suficiente para apadrinhar os filhos uns dos outros. Vejamos agora, nos casos de padrinho ou madrinha escravizado, qual o estatuto jurídico do outro padrinho:

**Tabela 3** - Condição jurídica dos padrinhos no caso de um deles ser escravizado em Xique-Xique entre 1865-1867 e 1871-1886.

<b>Período</b>	<b>1865- 1867</b>	<b>%</b>	<b>1871- 1878</b>	<b>%</b>	<b>1879- 1886</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Padrinho E* e madrinha E	7	54	19	79	2	67	28	70
Padrinho E e madrinha liberta	0	0	2	8,5	0	0	2	5
Padrinho E e madrinha livre	3	23	1	4	0	0	4	10
Madrinha E e padrinho liberto	1	8	0	0	0	0	1	2,5
Madrinha E e padrinho livre	2	15	2	8,5	1	33	5	12,5
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>100</b>	<b>24</b>	<b>100</b>	<b>3</b>	<b>100</b>	<b>40</b>	<b>100</b>

E\* Escavo (a).

*Fonte:* Paróquia de Senhor do Bonfim de Xique-Xique - PSBXX. Arquivo da Secretaria Paroquial - ASP. Livro de Registro de Batismos 1865-1877. Livro de Registro de Batismos de Filhos de Escravos 1871-1886.

É observável uma clara predominância de ambos os padrinhos escravizados, com índice de padrinhos escravizados junto com libertos provavelmente em grande parte resultante dos laços estabelecidos quando os últimos ainda viviam em cativo e um percentual médio razoável de padrinhos escravizados e madrinhas livres, o que aponta para uma considerável mistura do estado jurídico dos padrinhos principalmente antes da lei de 1871, o que pode apontar nesse período para uma maior necessidade de utilizar estratégias diferentes de proteção da criança na hora da escolha dos padrinhos. E no caso da maioria dos padrinhos de escravizados e

ingênuos que era de pessoas livres? Quem eram essas pessoas? Houve muitos casos de parentes do senhor? Analisemos os padrinhos livres a partir de seu sobrenome para conhecê-los melhor.

**Tabela 4** - Padrinhos livres de escravizados 1871-1886

<b>Padrinhos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Com sobrenome do senhor	24	10
Com outro sobrenome	185	80
Sem sobrenome	24	10
<b>Total</b>	<b>233</b>	<b>100</b>

*Fonte:* Paróquia de Senhor do Bonfim de Xique-Xique - PSBXX.  
Arquivo da Secretaria Paroquial - ASP.  
Livro de Registro de Batismos de Filhos de Escravas, 1871-1886.

O apadrinhamento de escravos por parentes do senhor não era tão raro em Xique-Xique, no caso de isolarmos os padrinhos, cujo sobrenome é mais definido que os das madrinhas e que tinham o mesmo sobrenome do senhor, o que evidencia, ao menos em tese, o parentesco. Encontramos nestes casos 10% dos batismos com padrinhos livres, mas destacamos que o percentual é bem maior, pois existem casos de madrinhas, que não incluímos na amostra devido à problemática de seus sobrenomes, que sabemos serem filhas, irmãs ou tias do senhor e mesmo de parentes com outro sobrenome.

Também encontramos um freqüente compadrio de escravizados com aliados políticos de seus senhores como coronéis e pessoas com outros títulos honoríficos, cujo laço estabelecido poderia ser importante no oferecimento de mão de obra do escravo na hora dos “barulhos” e na ajuda dos padrinhos coronéis em situações cotidianas ou mesmo em uma possível luta pela liberdade.

Conforme ficou evidenciado por Ferreira (2005, p. 185-218), houve a proteção da família da escrava Maria por poderosos locais na luta pela manutenção da liberdade desta e de sua numerosa prole. Florentino e Góes (1997) destacaram que

A família escrava se abria, pois, e no contexto específico da escravidão, tal abertura tinha um sentido eminentemente político. Na verdade, o que se buscava era aumentar o raio social das alianças políticas e, assim, de

solidariedade e proteção, para o que se contava inclusive com ex-escravos, escravos pertencentes a outros senhores e, em casos eventuais, com alguns proprietários (FLORENTINO; GÓES, 1997, p. 90).

Podemos citar ainda como exemplo dessas relações com poderosos os batismos de Joaquina, parda, filha de Antonia, também parda, escravizadas de Dona Carolina Alves da França Antunes, cujos padrinhos foram o Capitão Manoel Martiniano da França Antunes e Francisca Antonia da França Antunes, todos parentes.<sup>11</sup> Jovita, parda, filha de Domingas, parda, cativas do Tenente Coronel Joaquim Estácio da Costa, foi batizada pelo Tenente Praxedes Xavier da Rocha e Donna Anna Maria, representada por Anna Simoa da Cruz.<sup>12</sup>

Percebemos, portanto, no que diz respeito ao compadrio entre escravizadas, o forte entrelaçamento dessas com pessoas livres das mais diversas posições, o que aumentou progressivamente à medida que se aproximava a Abolição. Fica clara também a relação dessas com escravizados principalmente de outras propriedades, o que denota um convívio intenso e a expansão dos laços familiares para além do mundo dos cativos e das propriedades em que viviam.

## Fontes

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA – APEB. SJ, IT, n° 04/1444/1913/16, Inventário de Eufrásia Maria da Conceição, Xique-Xique, 1871.

\_\_\_\_\_. SJ, IT, n° 07/3169/05, Inventário e testamento de Manoel de Souza Rego, Xique-Xique, 1883.

PARÓQUIA DE SENHOR DO BONFIM DE XIQUE-XIQUE - PSBXX. Arquivo da Secretaria Paroquial - ASP. Livro de Registro de Batismos, Xique-Xique, 1865-1877.

\_\_\_\_\_. Arquivo da Secretaria Paroquial - ASP. Livro de Registro de Batismos de Filhos de Escravas, Xique-Xique, 1871-1886.

## Referências

FERREIRA, Elisângela Oliveira. Os laços de uma família: da escravidão à liberdade nos sertões do São Francisco. *Afro-Ásia*, n. 32, p. 185-218, 2005.

---

<sup>11</sup> PSBXX, ASP, Livro de Registro de Batismos, 1872-1886.

<sup>12</sup> Id.



\_\_\_\_\_. *Entre vazantes, caatingas e serras: trajetórias familiares e uso social do espaço no sertão do São Francisco, no século XIX*. 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

FLORENTINO, Manolo; GÓES, José Roberto. *A paz nas senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, 1790-1850*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

SCHWARTZ, Stuart. *Escravos, roceiros e rebeldes*. Bauru: EDUSC, 2001.

\_\_\_\_\_. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VASCONCELOS, Maria Cristina de. O compadrio entre escravos numa comunidade em transformação (Mambucaba, Angra dos Reis, século XIX). *Afro-Ásia*, n. 28, p. 147-178, 2002.